1.1 HISTORIAL DA AICL, A SOCIEDADE CIVIL ATUANTE (após 28 colóquios da lusofonia)

Aqui se traça em linhas gerais o já longo percurso da AICL. Uma breve resenha do historial dos Colóquios da Lusofonia incluindo a sua ação na divulgação da açorianidade literária ou de como ainda é possível concretizar utopias num esforço coletivo. Um exemplo da sociedade civil num projeto de Lusofonia sem distinção de credos, nacionalidades ou identidades culturais que depois de Portugal Continental (Porto, Bragança, Seia, Fundão, Montalegre, Belmonte), Açores (ilhas de São Miguel, Santa Maria e Graciosa), Brasil, Macau e Galiza continua a tentar negociar idas a outros locais: Itália, Santiago de Compostela (Galiza), Canadá, Cabo Verde, Angola, Moçambique, Timor-Leste, Polónia, Roménia, França, e outros países e ilhas açorianas (Pico, São Jorge).

Em 2001, os Colóquios brotaram do intuito de criar uma Cidadania da Língua, proposta radicalmente inovadora num país tradicionalista e avesso a mudanças. Queríamos que todos se irmanassem na Língua que nos une. Pretendíamos catapultar a Língua para a ribalta, numa frente comum, na realidade multilingue e multicultural das comunidades que a usam. A nossa noção de LUSOFONIA abarca os que falam, escrevem e trabalham a língua, independentemente da cor, credo, religião ou nacionalidade

Gostaria de começar usando a frase de Martin Luther King, 28 agosto 1963, ***"I had a dream…"*** para explicar como nascidos em 2001 já realizámos vinte e seis Colóquios da Lusofonia (dois ao ano desde 2006).

Em 2010 passamos a associação cultural e científica sem fins lucrativos e, em dezembro de 2015 passamos a ser uma entidade cultural de utilidade pública.

Cremos que podemos fazer a diferença, congregados em torno de **uma ideia abstrata e utópica, a união pela mesma Língua.** Partindo dela podemos criar pontes entre povos e culturas no seio da grande nação lusofalante, independentemente da nacionalidade, naturalidade ou ponto de residência. Os colóquios juntam os congressistas no primeiro dia de trabalhos, compartilhando hotéis, refeições, passeios e, no último dia despedem-se como se de amigos - as de longa data se tratasse. **Não buscam mais uma Conferência para o currículo - quem vem em busca disso cedo parte por se sentir desajustado** - antes partilham ideias, projetos, criam sinergias, todos irmanados do ideal de "sociedade civil" capaz e atuante, para – juntos – atingirem o que as burocracias e hierarquias não podem ou não querem. É o que nos torna distintos de outros encontros científicos do género. É a informalidade e o contagioso espírito de grupo que nos irmana, que nos tem permitido avançar com ambiciosos projetos. Somos um vírus altamente contagioso fora do alcance das farmacêuticas.

Desde a primeira edição abolimos os axiónimos, ou títulos apensos aos nomes, esse sistema nobiliárquico português de castas que distingue as pessoas sem ser por mérito. Tentamos que todos sejam iguais dentro da nossa associação e queremos que todas contribuam, na medida das suas possibilidades, para os nossos projetos e sonhos... A nossa filosofia tem permitido desenvolver projetos onde não se reclama a autoria, mas a partilha do conhecimento. Sabe-se como isso é anátema nos corredores bafientos e nalgumas instituições educacionais (universidades, politécnicos e liceus para usar a velha designação), e daí termos tido o 21º Colóquio numa praia…

Desconheço quando, como ou porquê se usou o termo lusofonia pela primeira vez, mas quando cheguei da Austrália (a Portugal) fui desafiado pelo meu saudoso mentor, José Augusto Seabra, a desenvolver o seu projeto de Lusofalantes na Europa e no Mundo e aí nasceram os Colóquios da Lusofonia. Desde então, temos definido a nossa versão de Lusofonia como foi expresso ao longo destes últimos anos, em cada Colóquio. Esta visão é das mais abrangentes possíveis, e **visa incluir todos numa Lusofonia que não tem de ser Lusofilia nem Lusografia e muito menos a Lusofolia que, por vezes, parece emanar da CPLP e outras entidades.**

Ao aceitarem esta nossa visão muitas pontes se têm construído onde hoje só existem abismos, má vontade e falsos cognatos. Felizmente, temos encontrado pessoas capazes de operarem as mudanças. Só assim se explica que depois de José Augusto Seabra, hoje, os nossos patronos sejam Malaca Casteleiro (Academia das Ciências de Lisboa), Evanildo Bechara (Academia Brasileira de Letras) e a Academia Galega da Língua Portuguesa representada por Concha Rousia. Depois, acrescentamos como sócios honorários e patronos Dom Ximenes Belo em 2015 e em 2016 José Ramos-Horta (os lusofalantes do Prémio Nobel da Paz 1996), a que se juntaram (em 2016) Vera Duarte da Academia Cabo-Verdiana de Letras e José Carlos Gentili da Academia de Letras de Brasília. Aguardamos a adesão da Academia Angolana a este projeto. A Academia Angolana juntar-se-á a nós no 28º colóquio em outubro 2017 em Vila do Porto.

O espaço dos Colóquios da Lusofonia é um espaço privilegiado de diálogo, de aprendizagem, de intercâmbio e partilha de ideias, opiniões, projetos por mais díspares ou antagónicos que possam aparentar. É esta a Lusofonia que defendemos como a única que permitirá que a Língua Portuguesa sobreviva nos próximos duzentos anos sem se fragmentar em pequenos e novos idiomas e variantes que, isoladamente pouco ou nenhum relevo terão.

Se aceitarmos todas as variantes de Português sem as discriminarmos ou menosprezarmos, o Português poderá ser com o Inglês uma língua universal colorida por milhentos matizes da Austrália aos Estados Unidos, dos Açores às Bermudas, à Índia e a Timor. O Inglês para ser língua universal continuou unido com todas as suas variantes.

Ao longo de mais de uma década e meia tivemos colóquios em vários locais. Começámos no Porto, depois tivemos Bragança (como base entre 2003 e 2010), Brasil (2010), Macau (2011), Galiza (2012), Seia (em 2013 e 2014), Fundão (2015), Montalegre (2016), Belmonte (2017), e nos Açores: na Ribeira Grande (2006-7), Lagoa (2008-12), Vila do Porto (2011 e 2017), Maia (2013) na praia, nos Moinhos de Porto Formoso (2014), ilha Graciosa (2015), Lomba da Maia (S Miguel, Açores 2016), Belmonte (2017).

Os Colóquios são independentes de forças políticas e institucionais, através do pagamento das quotas dos associados e do pagamento de inscrições dos congressistas. Buscam apoios protocolados especificamente para cada evento, concebido e levado a cabo por uma rede de voluntários. Pautam-se pela participação de um variado leque de oradores, sem temores nem medo de represálias. Ao nível logístico, tentam beneficiar do apoio das entidades com visão para apoiar a realização destes eventos. Estabeleceram várias parcerias e protocolos com universidades, politécnicos, autarquias e outros que permitem embarcar em projetos mais ambiciosos e com a necessária validação científica.

Nos Açores**,** agregaram académicos, estudiosos, artistas plásticos e escritores em torno da identidade açoriana, sua escrita, lendas e tradições, numa perspetiva de enriquecimento da LUSOFONIA. Pretendia-se divulgar a identidade açoriana não só nas comunidades lusofalantes, mas em países como a Roménia, Polónia, Bulgária, Rússia, Eslovénia, Itália, França, e onde têm sido feitas traduções de obras e de excertos de autores açorianos. Tornaram-se uma enorme tertúlia reforçando a açorianidade e vincando bem a insularidade.

De referir que em todos os colóquios mantivemos sempre uma sessão dedicada à tradução que é uma importante forma de divulgação da nossa língua e cultura. Veja-se o exemplo de Saramago que vendeu mais de um milhão de livros nos EUA onde é difícil a penetração de obras de autores de outras línguas e culturas.

No 1º Colóquio 2002 afirmou-se

Pretende-se repensar a Lusofonia, como instrumento de promoção e aproximação de povos e culturas. O Porto foi a cidade escolhida perdida que foi a oportunidade, como Capital Europeia da Cultura, de fazer ouvir a sua voz nos mídia nacionais e internacionais como terra congregadora de esforços e iniciativas em prol da língua de todos nós, da Galiza a Cabinda e Timor, passando pelos países de expressão portuguesa e por todos os outros países onde não sendo Língua oficial existem Lusofalantes. Há tempos (2002) o emérito linguista anglófono Professor David Crystal escrevia-nos dizendo:

"O Português parece-me, tem um futuro forte, positivo e promissor garantido à partida pela sua população base de mais de 200 milhões, e pela vasta variedade que abrange desde a formalidade parlamentar até às origens de base do samba. Ao mesmo tempo, os falantes de português têm de reconhecer que a sua língua está sujeita a mudanças – tal como todas as outras – e não se devem opor impensadamente a este processo. Quando estive no Brasil, no ano passado, por exemplo, ouvi falar dum movimento que pretendia extirpar todos os anglicismos. Para banir palavras de empréstimo doutras línguas pode ser prejudicial para o desenvolvimento da língua, dado que a isola de movimentações e tendências internacionais. O Inglês, por exemplo, tem empréstimos de 350 línguas – incluindo português – e o resultado foi ter-se tornado numa língua imensamente rica e de sucesso. A língua portuguesa tem a capacidade e força para assimilar palavras de Inglês e de outras línguas mantendo a sua identidade distinta. Espero também que o desenvolvimento da língua portuguesa seja parte dum atributo multilingue para os países onde é falada para que as línguas indígenas sejam também faladas e respeitadas, O que é grave no Brasil dado o nível perigoso e crítico de muitas das línguas nativas."

Posteriormente, contactei aquele distinto linguista preocupado com a extinção de tantas línguas e a evolução de outras, manifestando-me preocupado pelo desaparecimento de tantas línguas aborígenes no meu país e espantado pelo desenvolvimento de outras. Mostrava-me apreensivo pelos brasileirismos e anglicismos que encontrara em Portugal após 30 anos de diáspora.

Mesmo admitindo que as línguas só têm capacidade de sobrevivência se evoluírem eu alertava para o facto de terem sido acrescentadas ao léxico 600 palavras pela Academia Brasileira (1999) das quais a maioria já tinha equivalente em português.

Sabendo como o Inglês destronou línguas (celtas e não só) em pleno solo do Reino Unido a partir do séc. V, tal como Crystal (1977) afirma no caso do Câmbrico, Norn e Manx, perguntava ao distinto professor qual o destino da língua portuguesa, sabendo que o nível de ensino e o seu registo linguístico eram cada vez mais baixos, estando a ser dizimados por falantes, escribas, jornalistas e políticos ignorantes, sem que houvesse uma verdadeira política da língua em Portugal.

A sua resposta em março 2002 pode-nos apontar um de muitos caminhos. Diz Crystal:

"As palavras de empréstimo mudam, de facto, o caráter duma língua, mas como tal não são a causa da sua deterioração. A melhor evidência disto é, sem dúvida, a própria língua inglesa que pediu de empréstimo mais palavras do que qualquer outra, e veja-se o que aconteceu ao Inglês. De facto, cerca de 80% do vocabulário Inglês não tem origem Anglo-Saxónica, mas sim das línguas Românticas e Clássicas incluindo o Português. É, até, irónico que algumas dos anglicismos que os Franceses tentam banir atualmente derivem de Latim e de Francês na sua origem.

Temos de ver o que se passa quando uma palavra nova penetra numa língua. No caso do Inglês, existem triunviratos interessantes como ***kingly*** *(Anglo-saxão),* ***royal*** *(Francês), e* ***regal*** *(Latim) mas a realidade é que linguisticamente estamos muito mais ricos tendo três palavras que permitem todas as variedades de estilo que não seriam possíveis doutro modo. Assim, as palavras de empréstimo enriquecem a expressão. Até hoje nenhuma tentativa de impedir a penetração de palavras de empréstimo teve resultados positivos. As línguas não podem ser controladas. Nenhuma Academia impediu a mudança das línguas. Isto é diferente da situação das línguas em vias de extinção como por exemplo debati no meu livro Language Death. Se as línguas adotam palavras de empréstimo isto demonstra que elas estão vivas para uma mudança social e a tentar manter o ritmo. Trata-se dum sinal saudável desde que as palavras de empréstimo suplementem e não substituam as palavras locais equivalentes. O que é deveras preocupante é quando uma língua dominante começa a ocupar as funções duma língua menos dominante, por exemplo, quando o Inglês substitui o Português como língua de ensino nas instituições de ensino terciário. É aqui que a legislação pode ajudar e introduzir medidas de proteção, tais como obrigação de transmissões radiofónicas na língua minoritária, etc. existe de facto uma necessidade de haver uma política da língua, em especial num mundo como o nosso em mudança constante e tão rápida, e essa política tem de lidar com os assuntos base, que têm muito a ver com as funções do multilinguismo.*

Recordo ainda que não é só o Inglês a substituir outras línguas. No Brasil, centenas de línguas foram deslocadas pelo português, e todas as principais línguas: espanhol, chinês, russo, árabe afetaram as línguas minoritárias de igual modo."

Por partilhar a opinião do professor David Crystal espero que possam todos repensar a Lusofonia como instrumento de promoção e aproximação de culturas sem exclusão das línguas minoritárias que com a nossa podem coabitar.

Em 2002... Patenteamos que era possível ser-se organizacionalmente **INDEPENDENTE** e descentralizar estes eventos sem subsidiodependências e provou-se, em poucos anos como os Colóquios já se afirmaram como a única realização regular, concreta e relevante - em todo o mundo - sobre esta temática, sem apoios nem dependências. **Os Colóquios inovaram, nessa sua primeira edição, e introduziram o hábito de entregarem as Atas - Anais em DVD - CD no ato de acreditação dos participantes.**

No 2º Colóquio [2003] disse-se que só através de uma política efetiva de língua se poderá defender e promover a expansão do espaço cultural lusófono, contribuindo decisivamente para a sedimentação da linga portuguesa como um dos principais veículos de expressão mundiais. Que ninguém

se demita da responsabilidade na defesa do idioma independentemente da pátria. Hoje como ontem, a língua de todos nós é vítima de banalização e do laxismo. Em Portugal, infelizmente, a população está pouco consciente da importância e do valor do seu património linguístico. Falta-lhe o gosto por falar e escrever bem, e demite-se da responsabilidade que lhe cabe na defesa da língua que fala. Há outros aspetos de que, por serem tão correntes, já mal nos apercebemos: o mau uso das preposições, a falta de coordenação sintática, e a violação das regras de concordância, que, logicamente, afetam a estrutura do pensamento e a expressão.

Além dos tratos de polé que a língua falada sofre nos meios de comunicação social portugueses, uma nova frente se está a abrir com o ciberespaço e com as novas redes de comunicação em tempo real. Urge, pois, apoiar a formação linguística dos meios de comunicação social, promover uma verdadeira formação dos professores da área, zelar pela dignificação da língua portuguesa nos organismos internacionais, dotando-os com um corpo de tradutores e intérpretes profissionalmente eficazes.

A atual crise portuguesa não é meramente económica, mas reflete uma nação em crise, dos valores à própria identidade. Jamais podemos esquecer que a língua portuguesa mudou através dos tempos, e vai continuar a mudar. A língua não é um fóssil. Também hoje, a mudança está a acontecer. Num país em que falta uma visão estratégica para uma verdadeira POLÍTICA DA LÍNGUA, onde o cinzentismo e a uniformidade são a regra de referência, onde a competição é uma palavra tabu, onde o laxismo e a tolerância substituem a exigência e a disciplina, onde a posse de um diploma superior constitui ainda uma vantagem competitiva, claro que continua a grassar a desresponsabilização. Os cursos superiores estão ainda desajustados do mercado de trabalho, as empresas vivem alheadas das instituições académicas, existem cursos a mais que para nada servem, existem professores que mantêm cursos abertos para se manterem empregados. Ao contrário do que muitos dizem Portugal não tem excesso de licenciados, mas sim falta de empregos. Mas será que falam português?

No 3º Colóquio [2004], cujo tema era a Língua Mirandesa, dizia-se Estamos aqui para juntos fazermos ouvir a nossa voz, para que Bragança seja uma terra onde se congregam esforços e iniciativas em prol da língua de todos nós, da Galiza a Timor, passando pelos países de expressão portuguesa e por todos os outros países onde não sendo Língua oficial existem Lusofalantes. Este Colóquio, como pedrada no charco que pretendia ser, visava alertar-nos para a existência duma segunda língua nacional que mal sabemos que existe e cujo progresso é já bem visível em menos duma década de esforço abnegado e voluntarioso duma mão cheia de pessoas que acreditaram. Visa alertar-nos para a necessidade de sermos competitivos e exigentes, sem esperarmos pelo Estado ou pelo Governo e tomarmos a iniciativa em nossas mãos. Assim como criamos estes Colóquios, também

cada um de vós pode criar a sua própria revolução, em casa com os filhos, com os alunos, com os colegas e despertar para a necessidade de manter viva a língua de todos nós. Sob o perigo de soçobrarmos e passarmos a ser ainda mais irrelevantes neste curto percurso terreno.

Em 2004, **lançamos a campanha que salvou da extinção o importante portal Ciberdúvidas.**

No 4º Colóquio [em 2005] sobre a Língua Portuguesa em Timor-Leste,escrevi “O português faz parte da História timorense. Não a considerar uma Língua oficial colocaria em risco a sua identidade”, defende o linguista australiano Geoffrey Hull no seu recente livro Timor-Leste. Identidade, língua e política educacional. A língua portuguesa "tem-se mostrado capaz de se harmonizar com as línguas indígenas" e é tanto mais plausível porque "o contacto com Portugal renovou e consolidou a cultura timorense e quando Timor-Leste emergiu da fase colonial não foi necessário procurar uma identidade nacional, o país era único do ponto de vista linguístico. O português não é um idioma demasiado difícil para os timorenses pois estes já possuem um relativo conhecimento passivo do português, devido ao facto de que já falam o Tétum-Díli", afirma Hull. "A juventude deve fazer um esforço coletivo para aprender ou reaprender" a língua portuguesa”.

Estas eram, de facto, as premissas com que partimos para o 4º Colóquio. Não sabíamos ainda que teríamos entre nós a presença do Prémio Nobel da Paz, D. Carlos Filipe Ximenes Belo, muito menos imaginávamos que teríamos a exposição de fotografia do Presidente XANANA GUSMÃO (Rostos da Lusofonia), e que o Colóquio coincidia com o maior eclipse anular do sol desde o início do século passado.

Durante dois dias foi debatido o futuro do português na ex-colónia, além de temas mais genéricos como as tradições, a literatura e a tradução em geral. As razões desta temática orientada para Timor-Leste têm a ver com um dos aspetos que consideramos de certo modo controverso. Em termos linguísticos é a primeira vez que se faz uma experiência destas no mundo: impor-se uma Língua oficial numa nação onde não existe uma língua própria, mas várias línguas: a franca, o Tétum e vários dialetos.

O objetivo destas iniciativas é “*aproveitar a experiência profissional e pessoal de cada pessoa dentro da sua especialidade para que os restantes oradores possam depois partir para o terreno e utilizarem instrumentos que já deram resultados noutras comunidades*”.

De acordo com várias fontes, o aumento do número de falantes do português quase que triplicou desde a independência de Timor, há cinco anos. A organização do Colóquio entende que "foi sobremodo graças à ação da Igreja Católica que a língua portuguesa se manteve em Timor", e dai a relevância da presença do Bispo resignatário de Díli, D. Carlos Ximenes Belo, no segundo dia de trabalhos.

Dentre os temas debatidos focando aspetos curiosos da Geografia à História de Timor, passando pelo Ensino e Cooperação, é importante realçar que os projetos com melhor e maior acolhimento foram aqueles que saíram das linhas institucionais rígidas.

Trata-se de projetos em que os professores e cooperantes adaptaram os programas à realidade timorense e assim conseguiram uma adesão e participação entusiástica dos timorenses, que hoje os substituem já nessas tarefas. Este aspeto é notável, pois colide com a burocracia oficial e rígida que estipula quais os programas a aplicar sem conhecimento da realidade local e suas idiossincrasias. Em especial dois destes temas foram abordados por cooperantes brasileiros e portugueses, esperando-se que iniciativas semelhantes possam ser reproduzidas no futuro, pois só estes permitem preparar os timorenses para tomarem os seus destinos e os da sua Língua Portuguesa nas suas próprias mãos. A ideia transversal e principal deste Colóquio era o futuro do português em Timor.

> "*O Tétum está a ser enriquecido com toda uma terminologia que deriva automaticamente do português, e não do Inglês. Enquanto as línguas tradicionais cada vez mais se servem do Inglês, o Tétum está a servir-se do português para criar palavras que não existem na sua língua franca o que enriquece tanto o português como o Tétum".*

Quanto ao futuro da língua portuguesa no mundo não hesito em afirmar

> "*De momento está salvaguardado através do enriquecimento pelas línguas autóctones e pelos crioulos, que têm o português como língua de partida. Enquanto a maior parte das línguas tende a desaparecer visto que não há influências novas, o português revela nalguns locais do mundo uma vitalidade fora do normal. A miscigenação com os crioulos e com os idiomas locais vai permitir o desenvolvimento desses crioulos e a preservação do português*". Por isso *"não devemos ter medo do futuro do português no mundo porque ele vai continuar a ser falado e a crescer nos restantes países".*

Em 2006, no 6º Colóquio debateram-se os modelos de normalização linguística na Galiza e a situação presente, onde o genocídio linguístico atingiu uma forma nova e subtil, já não através da perseguição aberta e pública do galego, como em décadas passadas, mas pela promoção social, escolar e política de uma forma oral e escrita deturpada, castelhanizada, a par de uma política ativa de exclusão dos dissidentes lusófonos (os denominados reintegracionistas e lusistas).

Debateu-se uma Galiza que luta pela sua sobrevivência linguística, numa altura em que a UNESCO advertiu do risco de castelhanização total nas próximas décadas. Falou-se de história, dos vários avanços e recuos e de vários movimentos a favor da língua portuguesa na Galiza, teceram-se

críticas, comentários e apontaram-se soluções, sendo quase universalmente exigida a reintrodução do Português na Galiza através de várias formas e meios.

Existe aqui ampla oportunidade para as televisões portuguesas descobrirem aquele mercado de quase três milhões de pessoas. As oportunidades comerciais de penetração da Galiza podem ser uma porta importante para a consolidação da língua naquela Região Autónoma. Foi sobejamente assinalada a quase generalizada apatia e desconhecimento do problema da língua na Galiza por parte dos portugueses e o seu esquecimento por parte das entidades oficiais sempre temerosas de ofenderem o poder central em Madrid. Faltam iniciativas como esta para alertar, um número cada vez maior, as pessoas para este genocídio linguístico, desconhecido e que mora mesmo aqui ao lado.

Por outro lado, constatou-se a necessidade de uma maior concertação e união entre as várias associações em campo que propugnam a língua portuguesa na Galiza. A sua presença regular em eventos semelhantes em Portugal pode alargar o número de académicos preocupados com o tratamento de polé dado à língua nossa antepassada num território que por mercê duma conquista histórica de há 500 anos teima em não perder a sua língua original, que é a nossa. O anúncio por Martinho Montero da criação duma Academia Galega da Língua Portuguesa é simultaneamente arriscado e ousado, mas pode ser um passo em frente para a concretização do sonho de muitos galegos.

Os problemas da tradução foram também debatidos como forma de perpetuar e manter a criatividade da língua portuguesa nos quatros cantos do mundo, algo que é importante realçar pois as pessoas não se apercebem muitas vezes desta vertente, sendo a mais surpreendente comunicação (Barbara Juršič), uma referente à tradução de obras portuguesas (de Saramago a Mia Couto) na Eslovénia. “Enquanto a tradução de obras portuguesas não estiver suficientemente difundida, a língua portuguesa não pode alcandorar-se ao nível de reconhecimento mundial doutras línguas. Começa a haver um certo número de traduções de livros de autores portugueses, mas é altamente deficiente e deficitária. Uma das formas de preservar a língua é através da tradução. Só a tradução de obras permite a divulgação, algo muito importante na preservação da língua.” Por outro lado, conseguiu-se que os colóquios se tornassem graças à sua persistência na única iniciativa, concreta e regular em Portugal nos últimos cinco anos sobre esta temática.

A intenção destes colóquios é diferente da maioria das realizações congéneres. Pela sua independência permite a participação de um leque alargado de oradores, sem temores nem medo de represálias dos patrocinadores institucionais sejam eles governos, universidades ou meros agentes económicos. Por outro lado, ao contrário de outros encontros e conferências de formato tradicional em que as pessoas se reúnem e no final há uma ata cheia de boas intenções (raramente concretizadas) com as conclusões, estes colóquios visam aproveitar a experiência profissional e pessoal de cada um dentro da sua especialidade e dos temas que estão a ser debatidos, para que os restantes oradores possam depois partir para o terreno,

para os seus locais de trabalho e utilizarem instrumentos que já deram resultados noutras comunidades. Ou seja, verifica-se a criação de uma rede informal que permite um livre intercâmbio de experiências e vivências, que se prolonga ao longo dos anos, muito para lá do Colóquio em que intervieram.

Estes Colóquios podem ser ainda marginais em relação às grandes diretrizes aprovadas nos gabinetes de Lisboa, de Brasília, ou de qualquer outra capital, mas na prática têm servido para inúmeras pessoas aplicarem as experiências doutros colegas à realidade do seu quotidiano de trabalho com resultados surpreendentes e bem acelerados como se viu na edição de 2005, com a campanha para salvar o Ciberdúvidas da Língua Portuguesa e com o lançamento a nível oficial do Observatório da Língua Portuguesa.

Portugal e Brasil continuam a valorizar o acessório e a subestimar o essencial. Os portugueses e brasileiros não têm uma verdadeira política da Língua, e não conjugam objetivos através duma CPLP adormecida, enquanto franceses e ingleses estão bem ativos.

O atual impacto mundial da língua portuguesa existe sobretudo por ação dos outros. A República Popular da China prepara [em Macau] os seus melhores quadros para dominarem a língua portuguesa e desta forma conquistarem os mercados lusófonos. Irá depender sobretudo do esforço brasileiro em liderar que a Lusofonia poderá avançar, levando a reboque os países africanos ainda cheios de complexos do seu velho e impotente colonizador Portugal.

A língua portuguesa é alimentada de forma diferente de acordo com as realidades sociais, económicas, culturais, etc., dos países onde está instituída e os quais estão geograficamente distantes uns dos outros. A Língua Portuguesa pode ser o veículo de aproximação entre os países lusófonos e as comunidades lusofalantes.

Os meus compatriotas aborígenes australianos preservaram a sua cultura ao longo de sessenta mil anos, sem terem escrita própria, mas a sua cultura foi mantida até aos dias de hoje, pois assentava na transmissão via oral de lendas e tradições. Este é um dos exemplos mais notáveis de propagação das caraterísticas culturais de um povo que nunca foi nação.

Uma das coisas mais importantes que a Austrália me ensinou foi a tolerância pelas diferenças étnicas e culturais, e o facto de ter aprendido a conviver e a viver com a diferença. Sem aceitarmos estas diferenças jamais poderemos progredir, pois que só da convivência com outras etnias e culturas poderemos aspirar a manter viva a nossa. Devemos aceitar a Lusofonia e todas as suas diversidades culturais sem exclusão, que com a nossa podem coabitar. Essa a mensagem dos 5 colóquios anuais da lusofonia e dos encontros açorianos da lusofonia.

Em 2007, no 8º colóquio buscou-se um tema ainda mais polémico e a necessitar de debate: "O Português no século XXI, a variante brasileira rumo ao futuro. O risco real da separação ou não. Unificação ou diversificação: esta a agenda para as próximas décadas." Assim, a verificar-se (e creio ser só uma questão de tempo) a emancipação da variante brasileira, a língua portuguesa europeia estará condenada a uma morte lenta associada a uma rápida diminuição e envelhecimento da população de Portugal que aponta para uns meros 8,7 milhões em 2050 contra os atuais 10,7 milhões.

Quanto a Bragança encontrei ali formas vernaculares (quase medievais) da língua que perduraram a todos os níveis da população independentemente da sua classe socioeconómica e da sua educação, mas de que constato uma quase vergonha dos seus falantes por entenderem que não falam português correto, o que aliado à desertificação humana desta região tende igualmente a acabar. Tenho um filho de 7 anos que em pouco mais de ano e meio adaptou para seu uso um vernáculo totalmente distinto do que ouve em casa e que faz rir os seus primos do Porto... A própria construção gramatical é diferente. Creio que como cidadão australiano há mais de 25 anos a lutar em prol da preservação da língua e cultura portuguesa de meus antepassados, ninguém está mais interessado na sua preservação. Creio que ela poderá ser feita numa evolução dinâmica aceitando os desafios e alterações que a própria língua inevitavelmente irá sofrer. Os Portugueses quase sempre alheados destes problemas e sempre temerosos de ofenderem a vizinha Espanha esquecem-se de que a vizinha e irmã é a Galiza e não a Espanha da velha Castela e da unificação à força. Foi nos primeiros dias do ano de 2006 na RTP num telejornal à hora do almoço, que pela primeira vez ouvimos falar os Galegos sobre os seus problemas com a nossa (e deles) língua.

Qual é a nossa responsabilidade como professores, jornalistas, estudiosos da língua em relação a esta guerra silenciosa que aqui ao lado consome tantos e a nós nos deixa indiferentes. Trata-se dum povo que fala a língua da Lusofonia de que tantos falam, mas de que tão poucos cuidam. Ou será que a Lusofonia continua a ser entendida por muitos como uma extensão do ex-Império? Esses velhos do Restelo, amantes dum passado que se espera nunca mais volte têm de despertar para a realidade e confrontar-se com ela por mais desagradável que lhes seja.

Os desafios que se põem nestes Colóquios são grandes. A divisão na Galiza é enorme entre lusistas, reintegracionistas e todos os outros. Será que vão conseguir finalmente criar uma plataforma abrangente que permita o entendimento entre algumas das várias correntes de pensamento? Ou irão continuar na sua guerrilha contra tudo e todos que não estejam de acordo com as teorias que professam. A importância do debate é enorme como atrás se inferiu. Ou o Galego é Português mesmo que seja uma variante, como o Brasileiro ou então o que é? Se for uma língua própria teremos todos de nos cuidar, porque o Brasil com mais razão e há mais tempo pode igualmente fazê-lo.

Cremos que esse não será o caminho. O Português, ao contrário do que muitos pensam não tem pernas para andar sozinho com uma população entre 9 e 15 milhões se incluirmos os expatriados, e tem de contar sobretudo com o número de falantes no Brasil, na Galiza, em Angola, Moçambique, Timor, Cabo Verde, S. Tomé, Guiné-Bissau e por toda a parte onde haja comunidades de lusofalantes, mesmo nas velhas comunidades esquecidas de Goa, Damão, Diu, Malaca.

São lusofalantes os que têm o Português como língua, seja Língua-Mãe, língua de trabalho ou língua de estudo, vivam eles no Brasil, em Portugal nos PALOP's, na Galiza, em Macau ou em qualquer outro lugar, sejam ou não nativos, naturais, nacionais ou não de qualquer um dos países lusófonos.

***

Relembremos agora algumas das nossas conquistas não enunciadas antes:

…No ano de 2007 no 8º colóquio: Atribuíram o 1º Prémio Literário da Lusofonia e debateram, pela primeira vez em Portugal, o Acordo Ortográfico 1990. ~

Em 2008 no 10º colóquio Inaugurámos a Academia Galega da Língua Portuguesa e o Presidente da Academia de Ciências de Lisboa Professor **Adriano Moreira** deslocou-se propositadamente para dar "**o apoio inequívoco da Academia de Ciências aos Colóquios da Lusofonia"**. Na sequência desta vinda, doaria o seu espólio a Bragança onde se encontra na Biblioteca Municipal com o seu nome. Idêntica visita ocorreu em 2009 na Lagoa (Açores).

A partir de 2007 prosseguimos, incansáveis, a nossa campanha pela implementação total do Acordo Ortográfico 1990, com o laborioso apoio de Malaca Casteleiro e Evanildo Bechara na luta pela Língua unificada que propugnamos para as instâncias internacionais. Desde então, esta é regra inelutável da AICL sobre a Ortografia: ***dado haver inúmeras ortografias oficiais em Portugal e no Brasil, a AICL converteu e uniformizou, para o AO 1990, todos os escritos posteriores a 1911, incluindo títulos de obras. A caótica ortografia anterior a 1911 foi mantida sempre que possível.***

Em 2009 nos 11º e 12º, definimos os projetos do MUSEU DA LUSOFONIA em Bragança e do MUSEU DA AÇORIANIDADE na Lagoa, que infelizmente não tiveram cabimento financeiro. O projeto de Bragança viria a desenvolver-se sem a nossa paternidade a partir de 2016, e acabamos a reavivar esse projeto em Belmonte em 2017 para ser integrado no Museu dos Descobrimentos de Belmonte com apoio da Câmara local.

Em 2009 convidámos o escritor Cristóvão de Aguiar para a **primeira** Homenagem Contra O Esquecimento, que incluía Carolina Michaëlis, Leite De Vasconcellos, Euclides Da Cunha, Agostinho Da Silva, Rosália De Castro. Um protocolo foi estabelecido em 2009 com a Universidade do Minho para ministrar um Curso Breve de Estudos Açorianos que decorreu em 2011.

Em janeiro de 2010 Lançámos os Cadernos de Estudos Açorianos (em formato pdf no nosso portal www.lusofonias.net), que trimestralmente publicámos, estando já disponíveis mais de três dezenas de cadernos, suplementos e vídeo-homenagens a autores açorianos. Servem de suporte ao curso de Açorianidades e Insularidades que pretendemos (um dia) levar em linha - online - para todo o mundo e de iniciação para os que querem ler autores açorianos cujas obras dificilmente se encontram.

Também em 2010, o 13º colóquio deslocou-se ao Brasil, participou na conferência da CPLP em Brasília, visitou o Museu da Língua Portuguesa em São Paulo e no Rio foi recebido na Academia Brasileira de Letras, onde palestraram Malaca Casteleiro, Concha Rousia e Chrys Chrystello, antes de se rumar a AÇORIANÓPOLIS, a décima ilha açoriana, Florianópolis no Estado de Santa Catarina.

Em 2010, Bragança, no 14º colóquio, na Sessão de Poesia, tivemos poemas de Vasco Pereira da Costa, uma vídeo homenagem ao autor e a declamação ao vivo do poema “Ode ao Boeing 747” em 11 das 14 línguas para que foi traduzido pelos Colóquios (Alemão, Árabe, Búlgaro, Catalão, Castelhano, Chinês, Flamengo, Francês, Inglês, Italiano, Neerlandês, Polaco, Romeno, Russo). Malaca Casteleiro sugerira no XIII Colóquio que se valorizassem as publicações de trabalhos das Atas através de um ANUÁRIO de comunicações selecionadas e não-editadas em papel do 1 ao 13º colóquio, no portal, disponível apenas para os associados.

Em 2011, no 15º colóquio, uma numerosa comitiva deslocou-se a Macau com o generoso apoio do Instituto Politécnico local e lá se firmaram novos protocolos embora ainda não tenham trazido resultados práticos. Ali se lançou o livro ChrónicAçores vol. 2 de Chrys Chrystello.

Nesse ano de 2011, no 16º colóquio, fomos pela primeira vez a Santa Maria, Ilha-Mãe. Em Vila do Porto, além se apresentar **a Antologia bilingue de autores açorianos**, o XVI Colóquio da Lusofonia aprovou uma **DECLARAÇÃO DE REPÚDIO** pela atitude de Portugal que olvidando séculos de história comum da língua, excluiu a Galiza - representada pela AGLP - do seio das comunidades lusófonas. A Galiza esteve sempre representada desde 1986 em todas as reuniões relativas ao novo Acordo Ortográfico e o seu léxico foi integrado em vários dicionários e corretores ortográficos. A sua exclusão *a posteriori* do seio da CPLP representa um grave erro histórico, político e linguístico que urge corrigir urgentemente.

Em 2012 no 17º colóquio na Lagoa, r**eunimos** 9 autores na HOMENAGEM CONTRA O ESQUECIMENTO: Eduardo Bettencourt Pinto (Canadá), Caetano Valadão Serpa (EUA); de São Miguel: Eduíno de Jesus, Fernando Aires (representado pela viúva Dra. Idalinda Ruivo e filha Maria João); Daniel de Sá; da Ilha Terceira, Vasco Pereira da Costa e Emanuel Félix representado pela filha e poeta Joana Félix; da Ilha do Pico, Urbano Bettencourt, e do Brasil, Isaac Nicolau Salum (descendente de açorianos) com a presença da filha Maria Josefina.

Em outubro 2012, no 18º colóquio, levamos os Colóquios a Ourense na Galiza, parcela esquecida da Lusofonia que foi o berço da língua de todos nós que tenta reunir-se com as demais comunidades lusofalantes. Ali houve uma cerimónia especial da Academia Galega em que foram empossados oito novos Académicos Correspondentes. Foi um evento rico em trabalhos científicos e apresentações, mas com fraca adesão de público.

Na Lagoa e na Galiza (2012): Difundimos o **MANIFESTO AICL 2012, a língua como motor económico**, (ver no fim) como contributo para uma futura política da língua no Brasil e em Portugal. Vivemos hoje uma encruzilhada semelhante à da Geração de 1870 e das Conferências do Casino.

Embora maioritariamente preocupados com aspetos mais vastos da linguística, literatura, e história, somos um grupo heterogéneo unido pela Língua comum e que configura o mundo, sem esquecer que Wittgenstein disse que o limite da nacionalidade é o limite do alcance linguístico.

Falta dizer que dois importantes projetos dos colóquios viram a luz do dia em 2011 e 2012, **a Antologia Bilingue de (15) Autores Açorianos Contemporâneos e a Antologia de (17) Autores Açorianos Contemporâneos** (em 2 volumes), editadas pela Calendário de Letras da autoria de

Helena Chrystello e Rosário Girão, lançadas em Portugal e Açores (2011-2013), Galiza e Toronto (2012) bem como as obras completas em poesia celebrando 40 anos de vida literária de Chrys Chrystello num volume intitulado **Crónica do Quotidiano Inútil.**

Na Maia (2013) no 19º colóquio, Lançaram-se vários novos projetos, a **Antologia no feminino (9 Ilhas 9 escritoras**), um cancioneiro, o projeto de musicar poemas, e o novo Prémio Literário AICL Açorianidade. Registou-se a presença, pela primeira vez de representantes do Camões e do IILP (Instituto Internacional da Língua Portuguesa) da CPLP.

Em Seia (2013) no 20º colóquio, Criou-se um projeto de levantamento do Corpus da Lusofonia pelo Grupo Interdisciplinar, de Pesquisas em Linguística Informática (GIPLI) sob a coordenação da Professora Zilda Zapparoli, que será composto por textos em língua portuguesa de diversos países lusófonos, e pressupõe a disponibilidade de ferramentas computacionais para tratamento e análise de textos. Iremos continuar com o projeto de musicar poemas de autores açorianos e dos colóquios, como a Ana Paula Andrade demonstrou no 19º e 20º colóquios ao apresentar temas de Álamo Oliveira, Luísa Ribeiro, Norberto Ávila, Concha Rousia e Chrys Chrystello.

Igualmente iremos prosseguir com o projeto de musicar autores em versão *pop*, como tem sido feito pelo grupo de professores da Escola da Maia em São Miguel, Açores, com vista ao lançamento de um CD. Prosseguiremos à medida das disponibilidades dos nossos tradutores, com traduções de excertos de autores açorianos. Tenta-se colocar a Antologia de Autores Açorianos no Plano Nacional de Leitura (e já consta do Plano Regional de Leitura dos Açores).

2014, o 21º colóquio Teve a particularidade de nos obrigar a fechar as inscrições dois meses antes da data prevista por haver excesso de oradores para o idílico local onde se realizou – a Praia dos Moinhos de Porto Formoso. Nesse ano lançou-se o 2º Prémio Açorianidade (2014 – Poesia em honra de Brites Araújo), e publicaremos o 1º Prémio Literário AICL Açorianidade (2013 – Judite Jorge) no 22º Colóquio além de tentarmos criar o Centro de Estudos Virgilianos com apoio do IPG, UBI, e outras entidades, sendo o Professor Malaca Casteleiro encarregado de providenciar aos esforços tendentes a conseguir este desiderato.

Lançamos neste 21º Colóquio mais dois projetos: a **Coletânea de Textos Dramáticos** de autores açorianos, da autoria de Helena Chrystello e Lucília Roxo (incluindo Álamo Oliveira, Martins Garcia, Norberto Ávila, Daniel de Sá, e Onésimo Teotónio de Almeida) bem como a **Antologia no**

feminino "9 Ilhas, 9 escritoras" incluindo Brites Araújo, Joana Félix, Judite Jorge, Luísa Ribeiro, Luísa Soares, Madalena Férin, Madalena San-Bento, Natália Correia, Renata Correia Botelho.

Em 2014, no 22º colóquio em Seia, Tivemos dois dos maiores vultos da ciência portuguesa, desconhecidos para a maioria da população – os professores José Carlos Teixeira do Canadá, especialista em Geografia Humana e o professor José António Salcedo, especialista mundial em ótica e laser.

Conseguimos igualmente trazer um grupo de dançarinos e dançarinas de Timor-Leste que ao longo de três sessões nos encantaram, tentando fazer uma aproximação entre culturas lusófonas bem distantes.

Fundão 2015: Anunciaram-se inovações interativas para o preenchimento das fichas de inscrição e a preparação de pequeno volume 9 Ilhas, 9 autores 9 línguas traduzidas.

2015, 24º Graciosa - conclusões

- Aceitar a proposta do associado José Soares de admitir Dom Carlos Filipe Ximenes Belo - nos termos do artigo 10, nº 3 do Regulamento Interno da AICL, que complementa os Estatutos Oficiais - como SÓCIO HONORÁRIO com efeitos imediatos.
- Dar seguimento a projetos de cooperação informais com o IILP aqui representado pela sua Diretora Executiva Marisa Mendonça.
- Fazer uma proposta à Academia Cabo-verdiana de Letras (ACL) para aderir à AICL
- Estudar e tentar viabilizar propostas de realização de próximos colóquios em Goa (associado José Paz), no Grão-Ducado do Luxemburgo (associado António Callixto) e em Santiago de Compostela (associado Alexandre Banhos com Fundação Meendinho)
- Regressar à Graciosa, o mais tardar, até 2018, dado ter-se tratado de um excecional colóquio com enorme participação local.
- Aceitar a proposta do associado José Soares de obter apoios para a publicação de um livro já completado por Dom Ximenes Belo sobre um missionário açoriano no Oriente

- Propor ao Governo Regional a concessão de apoio específico para a publicação das restantes obras de Dom Ximenes Belo sobre os demais missionários açorianos no Oriente
- Reformular de imediato o Prémio AICL Açorianidades para contemplar a reimpressão do autor homenageado nesse ano, em vez de buscar novos autores, depois os objetivos de o Prémio terem falhado nestas suas primeiras edições
- Aceitar a proposta do júri do Prémio AICL para que Norberto Ávila seja o autor a homenagear em 2016

25º MONTALEGRE ABRIL 2016 - CONCLUSÕES

- Aventou-se a hipótese de convidar a CPLP a fazer a sua reunião anual (Comissão temática de promoção e difusão da língua portuguesa da CPLP) em conjunto com um dos próximos colóquios (Açores ou Portugal), pelo que iniciaremos as diligências necessárias
- Igualmente foi solicitado que fizéssemos consultas para adesão da AICL à CPLP
- Foi decidido a AICL efetuar um lançamento na Casa dos Açores no Porto do livro de Dom Ximenes Belo com apoio da Tane Timor em data a acordar
- Foi decidido em unanimidade voltar a Montalegre (com base no atual protocolo existente) entre 2018 e 2021 dada a excelente memória que este 25º colóquio deixou em todos
- Foi anunciada a presença no 26º colóquio na ilha de São Miguel do outro Prémio Nobel da Paz de 1996, Dr José Ramos-Horta, tendo sido decidido convidar com base nos apoios obtidos Darrell Kastin (escritor de renome e descendente de açorianos) bem como o angolano Ondjaki (Ndalu de Almeida).
- Nesse colóquio iremos convidar o Presidente do Governo Regional para fazer a abertura formal do evento e tentar lançar o CD de autores açorianos musicados pelo trio Bruma da EBI Maia
- Em 2018 no Pico iremos fazer um concerto especial com as partituras do Padre Áureo da Costa Nunes e convidaremos autores picoenses ainda vivos

Lomba da Maia 2016: 26º colóquio da lusofonia 28 set a 2 out

HIPÓTESES DE PROJETOS SAÍDOS DESTE COLÓQUIO RESSALTAM

1. A possibilidade de se editar em Portugál o livro infantojuvenil do presidente Ramos-Horta,
2. a possibilidade de acelerar a ida a cabo verde num futuro próximo, julho 2017
3. Uma maior colaboração com o IILP - Instº INTERNACIONAL DA LÍNGUA PORTUGUESA,
4. A possibilidade de a AIPA - Associação dos Emigrantes nos Açores se associar à AICL e ter uma sessão própria, tal como a AGLP
5. A decisão de aceitarmos Ramos-Horta como sócio honorário da AICL e patrono,
6. A promessa de organização pela AICL de uma conferência de homenagem a Antero De Quental promovida pela AICL em coordenação com o senhor Secretário Regional Da Educação E Cultura.
7. Por proposta do Presidente da Assembleia-geral Professor Malaca Casteleiro decidiu-se ampliar as sessões das Academias (em especial das novas Academias) e do IILP e proporcionar-lhes sessões autónomas
8. Foi decidido nomear Urbano Bettencourt como autor escolhido para a Homenagem contra o Esquecimento 2017 em Belmonte e Vila do Porto e homenagear futuramente a obra De José Martins Garcia, ora reeditada.

27º colóquio Belmonte 2017 CONCLUSÕES:

1. Aceitar a proposta da EMPDS e da Câmara Municipal de sediar os próximos colóquios de forma definitiva em Belmonte
2. Aceitar a proposta de revitalizar o nosso projeto de 2009 do Museu da Lusofonia e construir nos próximos dois anos o primeiro módulo dedicado ao período de início da língua galaico-portuguesa até Carta de Pero Vaz de Caminha, a fim de poder ser incluído no Museu dos Descobrimentos.

Foi já criada uma equipa multidisciplinar liderada pelo Professor Malaca Casteleiro, coadjuvado pelas professoras Maria Francisca Xavier e Maria de Lourdes Crispim, a que se juntarão representantes da Academia Galega da Língua Portuguesa.

A preparação de imagens e textos deverá estar pronta no prazo de um ano a fim de a entregarmos à EMPDS para encomendar a sua transposição para elementos interativos.

Posteriormente iremos tratar do segundo módulo, com a inclusão de línguas nativas da era dos Descobrimentos e posteriores (tupi, guarani, etc.) e sua evolução até aos nossos dias.

3. Aceitar a proposta da EMPDS de editar em livro as comunicações deste 27º colóquio, sendo pedido a todos os oradores que enviem as versões finais dos seus trabalhos até 30 de abril
4. Protocolar um convénio com o Belmonte Sinai Hotel a fim de podermos manter os mesmos preços competitivos no próximo quadriénio
5. Fixar as datas dos PRÓXIMOS COLÓQUIOS, faltando apenas protocolar acordos para o 33º e 35º

conclusões do 28º colóquio da lusofonia de 27 out a 1 novº 2017

Com mais de seis dezenas de inscritos tivemos uma média de mais de 40 pessoas nas sessões, e mesmo no último dia o recital da Ana Paula Andrade teve mais de 50 presenças, havendo mais de 60 na sessão noturna de poesia e música no Asas do Atlântico dia 28.

1. Na sessão de abertura foram firmados novos protocolos com o Município de Belmonte e Hotel Belmonte Sinai a vigorar – pelo menos – durante quatro anos, em que a nossa base será em Belmonte e nela se realizará um colóquio anual.
2. Foi renovado o protocolo com o IECCPMA (Instituto Europeu de Ciências da Cultura Padre Manuel Antunes) e foi adiada a assinatura dos protocolos com a AIPA (Associação de Imigrantes nos Açores) e com a Academia Angolana de Letras.
3. Face ao protocolo firmado nesta edição dos colóquios com a autarquia de Belmonte tivemos de mudar a nossa programação futura (mais quatro anos seguidos em Belmonte, até 2021, uma vez ao ano, e os restantes obviamente nas ilhas dos Açores)

29º COLÓQUIO BELMONTE PÁSCOA 23-28 MARÇO 2018 OU 24-29 ABR HTTP://COLOQUIOS.LUSOFONIAS.NET/XXIX/

30º COLÓQUIO MADALENA DO PICO 4-8 OUT. 2018 HTTP://COLOQUIOS.LUSOFONIAS.NET/XXX/

31º COLÓQUIO BELMONTE PÁSCOA 12-17 ABR 2019

32º COLÓQUIO GRACIOSA 3-7 OUT. 2019

33º COLÓQUIO BELMONTE PÁSCOA 2-5 ABRIL 2020

34º COLÓQUIO VELAS OU S, MIGUEL (PORTO FORMOSO OU MAIA) 1-5 OUT. 2020

35º COLÓQUIO BELMONTE 25-28 MARÇO 2021

36º COLÓQUIO S, MIGUEL (PORTO FORMOSO OU MAIA) OU VELAS SÃO JORGE: 1-5 OUT. 2021

37º COLÓQUIO GALIZA, SANTIAGO DE COMPOSTELA

38º COLÓQUIO VILA DO PORTO, SANTA MARIA, AÇORES 2022

4. O autor açoriano homenageado em 2018 será a compositora e maestrina Ana Paula Andrade.

5. Iremos reformular o formato e tamanho dos colóquios, devido a uma continuadamente reduzida subvenção do governo regional dos Açores e à impossibilidade de os continuarmos a organizar com a grandeza e duração atuais, reduzindo o número de convidados de honra, as sessões e oradores, focando-nos mais nas palestras e menos nas atividades extra que tanto enriqueceram os últimos eventos.

6. Para o 29º colóquio em Belmonte iremos tentar coordenar datas com as Festas locais que ocorrem a 26 de abril.

O Dr Ramos-Horta foi expressamente convidado pelo Presidente da Câmara para estar presente durante os 4 dias do evento.

Para o 30º colóquio no Pico 2018 iremos convidar Dr Ramos-Horta, Mons. Belo, Sérgio Ávila, Francisco Rosas e tentaremos incluir um ou outro convidado local. No Pico durante 4 dias apresentaremos com a Ana Paula Andrade e Raul Leal Gaião a obra musical do Padre picoense Áureo da Costa Nunes e faremos uma Homenagem a Dom Jaime Garcia Goulart na Candelária com Raul Gaião e Dom Carlos Ximenes Belo.

Igualmente iremos introduzir uma temática arqueológica e apresentar novo documentário de Timor-Leste e convidaremos a Mirateca ARTS a colaborar.

7. Projetos a apoiar e desenvolver nos próximos 2 a 3 anos:

7.1. Editar o 2º livro da série Missionários açorianos em Timor de Dom Carlos F Ximenes Belo

7.2. Iniciar o projeto de juntar poemas dedicados aos Açores a fotografias do Mundo pela Fátima Salcedo

7.3. Trabalhar na preparação do 2º CD de autores açorianos musicados pela Ana Paula Andrade e divulgar o 1º CD

7.4. Prosseguir na coordenação dos Poemas açorianos traduzidos em várias línguas que a Helena Chrystello começou em 2015

7.5. Trabalhar para lançar o 1º CD de autores açorianos musicados em música pop pelos professores de música da EBI 2,3 da Maia, S Miguel, Açores

7.6. Apoiar dentro das nossas possibilidades não-financeiras, a edição do Dicionário de Crioulo Macaense de Raul Leal Gaião

7.7. Apoiar dentro das nossas possibilidades não-financeiras a futura edição crítica das obras anglófonas dedicadas aos Açores na segunda metade do séc. XIX, a produzir por Rolf Kemmler

7.8. Uma das razões diferenciadoras e marca de sucesso destes eventos sempre foi a de estarmos todos juntos do início ao fim, assistindo a todas as sessões e partilhando todos os momentos. A fim de manter a unidade deste núcleo aglutinador e preservarmos um dos segredos do nosso sucesso iremos estar atentos. Infelizmente, nos últimos colóquios (2015 a 2017) verificou-se uma deriva com algumas, poucas, pessoas a servirem-se da vinda a estas ilhas paradisíacas dos Açores para fazerem turismo, apesar de apoiadas na sua deslocação e estadia pela AICL. Por favor, façam-no antes ou depois do evento, mas nunca durante. Não apoiaremos os associados que o fizerem.

8. Por sugestão do nosso patrono e presidente da Assembleia-Geral, em 2018 iremos experimentar o modelo de **20 minutos para todas as sessões** exceto Convidados de Honra que terão direito A 20 OU MESMO 30 minutos.

Muito resumidamente, foi isto que os Colóquios fizeram numa década e meia, provando a vitalidade da sociedade civil quando se congregam vontades e esforços de tantos académicos e investigadores como aqueles que hoje dão vida aos nossos projetos.

Esperemos que mais se juntem à AICL – Colóquios da Lusofonia - para fazermos chegar o nosso MANIFESTO a toda a gente e aos governos dos países de expressão portuguesa. Ponto de partida para o futuro que ambicionamos e sonhamos.

Com a vossa ajuda e dedicação muito mais podemos conseguir como motor pensante da sociedade civil.

Ao terminar podemos questionar quanto vale um idioma?

Se a Língua Portuguesa estivesse numa prateleira de supermercado, estaria num nicho de luxo ou esquecida num canto, para promoção de minimercado? Estamos acostumados a medir o valor económico dos objetos a que um idioma dá nome, e não do idioma em si.

Um estudo solicitado pelo Camões ao Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE), em Portugal, encarou o desafio de medir essa grandeza, e revela que 17% do PIB do país equivale a atividades ligadas direta ou indiretamente à Língua Portuguesa.

- "*É um percentual interessante, por ter ficado ligeiramente acima do que se apurou na Espanha relativamente ao espanhol (15%) "* - analisa Carlos Reis, da Universidade de Coimbra, Professor Visitante da PUC-RS e um dos fundadores da Universidade Aberta em Portugal, da qual foi reitor até julho 2012.

O índice leva em conta a importância relativa da comunicação e da compreensão em campos de atividades económicas. Privilegia relações que exigem uma língua e descarta atividades que podem ser executadas por trabalhadores de outra nacionalidade ou competência linguística. Ramos como ensino, cultura e telecomunicações seriam celeiros automáticos de atividades em que a língua é fulcral.

Além destas "indústrias da língua", há as ligadas a fornecedores de produtos em Português, como a administração pública, o setor de serviços, ou as que induzem maior conteúdo de Língua para a economia como um todo, da indústria de papel à de eletrodomésticos.

A pesquisa indica que o fenómeno se repete em coeficientes aplicáveis aos países lusófonos.

Línguas com muitos utilizadores fornecem mercado maior para bens culturais.

O crescimento sustentado da última década fez o gigante da Língua Portuguesa saltar aos olhos globais.

O Brasil é líder das relações comerciais entre países lusófonos, movimentando um Produto Interno Bruto que passou de US$ 1,9 mil milhões em 2009 para US$ 2,3 mil milhões em 2010, diz o Banco Mundial. Já o PIB dos imigrantes de Língua Portuguesa noutros países ronda US$ 107 mil milhões (2009).

A diferença entre os países pobres e os ricos não é a idade do país. Isto está demonstrado em casos como o do Egito, com mais de 5.000 anos, e é pobre.

Por outro lado, o Canadá, a Austrália e a Nova Zelândia, que há 200 anos eram inexpressivos, hoje são países desenvolvidos e ricos.

A diferença entre países pobres e ricos também não reside nos recursos naturais disponíveis.

O Japão possui um território limitado, 80% montanhoso, inadequado para a agricultura e para a criação de gado, mas é a segunda economia mundial, uma imensa fábrica flutuante, que importa matéria-prima do mundo inteiro e exporta produtos manufaturados.

Outro exemplo é a Suíça, que não planta cacau, mas tem o melhor chocolate do mundo no seu pequeno território onde cria animais, e cultiva o solo durante quatro meses ao ano, no entanto, fabrica laticínios da melhor qualidade. É um país pequeno com uma imagem de segurança, ordem e trabalho, como cofre-forte do mundo.

Na comparação entre gestores dos países ricos e os seus homólogos dos países pobres, demonstra-se que não há qualquer diferença intelectual.

A raça, ou a cor da pele, também não são importantes: os imigrantes rotulados como preguiçosos nos seus países de origem, são a força produtiva dos países europeus ricos.

Onde está então a diferença? Está no nível de consciência do povo, no seu espírito.

A evolução da consciência deve constituir o objetivo primordial do Estado, em todos os níveis do poder. Os bens e os serviços são apenas meios…

A educação (para a vida) e a cultura ao longo dos anos devem plasmar consciências coletivas, estruturadas nos valores eternos da sociedade: moralidade, espiritualidade e ética.

Solução - síntese:

Transformar a consciência do Português. O processo deve começar na comunidade onde vive e convive o cidadão. A comunidade, quando está politicamente organizada em Associação de Moradores, Clube de Mães, Clube de Idosos, etc., torna-se um microestado. As transformações desejadas serão efetuadas nesses microestados, que são os átomos do organismo nacional – confirma a Física Quântica.

Ao analisarmos a conduta das pessoas nos países ricos e desenvolvidos, constatamos que a grande maioria segue o paradigma quântico, isto é, a prevalência do espírito sobre a matéria, ao adotarem os seguintes princípios de vida:

1. A ética, como base;
2. A integridade;
3. A responsabilidade;
4. O respeito às leis e aos regulamentos;
5. O respeito pelos direitos dos outros cidadãos;
6. O amor ao trabalho;
7. O esforço pela poupança e pelo investimento;
8. O desejo de superação;

9. A pontualidade.

Somos como somos, porque vemos os erros e encolhemos os ombros dizendo: “não interessa!”

A preocupação de todos deve ser com a sociedade, que é a causa, e não com a classe política, que é o triste efeito. Só assim conseguiremos mudar o Portugal de hoje. Vamos agir! Muito mais se poderia dizer sobre a ação dos Colóquios quer a nível das suas preocupações com o currículo regional dos Açores e outras questões nacionais e internacionais, mas o que atrás fica dito espelha bem a realidade das nossas iniciativas.

Reflitamos sobre o que disse Martin Luther King:

" O que é mais preocupante, não é o grito dos violentos, dos corruptos, dos desonestos, ou dos sem ética. O que é mais preocupante é o silêncio dos que são bons…"

Leia o sempre atual MANIFESTO (2012) CONTRA A CRISE: A LÍNGUA COMO MOTOR ECONÓMICO

https://www.lusofonias.net/projetos/propostas-aicl/535-manifesto-aicl-2012.html

1.2. O QUE É A LUSOFONIA, nos 20 anos da CPLP, julho 2017

"Não tenho culpa de ter nascido em Portugal e exijo uma pátria que me mereça” (Almada Negreiros)

Escrever é fácil: comece com uma maiúscula e termine com um ponto final. No meio, coloque ideias. (Pablo Neruda)

"Somos um grande povo de heróis adiados, partimos a cara a todos os ausentes...somos incapazes de revolta e agitação... (Fernando Pessoa,"Obras em Prosa", Círculo dos Leitores, III vol. p. 292)

1.

Vivi, convivi e aprendo ainda a coabitar com lusofalantes, dos Orientes exóticos *"Que o Sol em nascendo vê primeiro" [*Divisa de Timor Português em eras coloniais} que mitos salazarentos criaram aos orientes menos exóticos que a revolução do 25 de abril (1974) esqueceu. Pugno pelos filhos que falam português qualquer que seja o país em que nasceram ou vivem, mas constato que encontrei mais estrangeiros interessados em apoiar iniciativas de preservação da língua portuguesa do que nativos da mesma. Criamos novos mundos e redescobrimos outros, sem jamais identificarmos a mesquinhez desta nossa maneira de ser que nos faz sentir grandes – talvez até maior do que somos, quem sabe? Agora que o grande desafio do século XXI nos confronta maior que um Adamastor, importa afirmar aquilo que imodestamente nunca fizemos, nem mesmo quando o Português era a *língua franca* de todos os comércios do mundo. Precisamos de manter viva a nossa língua e vamos precisar de todos, especialmente daqueles que forem capazes por artes e engenhos de assumir iniciativas arrojadas: que o façam sem ser em busca de louvaminhas ou encómios, sem ser em busca da vã glória e fama fugaz de que se fazem tantas carreiras, sem ser em busca de usura ou lucro. É preciso gente dedicada, mesmo com fama e nome ou simplesmente anónimos como os trabalhadores que quotidianamente constroem o nosso meio ambiente. Não precisamos apenas de iniciativas arrojadas, mas revolucionárias, mesmo que os formatos sejam os tradicionais: simpósios, conferências, seminários, colóquios, ou o de meros boletins informativos (eletrónicos ou impressos), capazes de captar ouvintes e leitores com a língua de origem lusófona que adotamos ou queremos como nossa. Mesmo que sejam os políticos bem-intencionados, mas deles não queremos as vãs e bem-soantes palavras eleitoralistas que um qualquer vento dos votos levará, queremos trabalho e o cumprimento de décadas de promessas. Queremos uma política da língua, à semelhança doutros países, que permita a sua divulgação ampla como meio fundamental de manter a independência política, cultural e linguística. Só assim manteremos acesa esta chama com que comunicamos dos Algarves D'el-rei que já esquecemos, às Índias de Vice-reis que nossas nunca foram, a Timores de quem olvidamos a existência durante cinco séculos, às Goas. Malacas e Macaus de que apenas nos lembramos quando nos queremos sentir orgulhosamente beneficiários dessa herança portuguesa que é a língua. A essência do problema é manter a língua e a cultura vivas, não interessa onde nem como. (in Mitos da Lusofonia Revista Agália 2002)

2.

Surgiu há anos uma proposta do Embaixador Professor Doutor José Augusto Seabra para a criação de uma Cidadania da Língua Portuguesa (no Mundo) que importa analisar, pois ela contém os germes do sucesso inerentes a todas as propostas radicais e inovadoras num país como Portugal, marcado por tradicionalismos avessos a mudanças. Para quê, esta cidadania? Para que todos os lusofalantes, independentemente de outros idiomas

que outros idiomas que com a língua de Camões comunguem, possam identificar-se como uma entidade única e universal, importante, capaz de sobreviver a guerras, diásporas e outras tragédias que têm assolado os lusófonos. Quem são, o que fazem, o que pensam e sentem, qualquer que seja o local a que chamam terra mãe. Será que as línguas crioulas ou Pidgin e as indígenas se sobrepõem às outras? Porque o ensino do português é oficial quererá isso implicar que ele vai suplementar as línguas nativas? Quando seremos capazes de admitir como lusofalantes que a língua a que chamamos nossa só pode sobreviver se enriquecida por outras? Dura lição esta, para aqueles, que, segundo diz o escriba “deram novos mundos ao mundo”. Se não aceitarmos esta realidade multilingue das comunidades lusófonas, criamos o conceito de ter uma língua viva com o mesmo futuro do esperanto. Estas são as perguntas que aqui se põem e que alguém – que não eu – terá de responder. Estas são questões fundamentais para a sobrevivência da Língua Portuguesa, qualquer que seja o sotaque ou a origem do país a que chamamos nosso, mesmo que o não seja. (in Lusofonia Agonia 1, Revista ELO on-line 2002-11-15)

3.

Ximenes Belo, pediu em Bragança um maior investimento dos governos de Portugal e Timor-Leste no ensino da língua portuguesa aos timorenses. Para o Prémio Nobel da Paz, o futuro do português, que os timorenses adotaram como língua oficial, depende dos dois governos, português e timorense, porque "há, naturalmente, vontade de aprender, de conservar, mas por outro lado precisa-se de ajuda e de políticas para a manutenção da língua em Timor-Leste". "Tem havido apoio, mas é preciso investir mais e sobretudo investir nos timorenses, que haja mais professores de português, que haja mais bibliotecas, que haja, enfim, uma coisa intensa" disse, à margem da sessão de encerramento do IV Colóquio da Lusofonia, em Bragança, onde durante dois dias de debateu sobre a língua portuguesa em Timor-Leste. Para o antigo bispo de Dili "não chega" haver professores portugueses em Timor-Leste:"é preciso formar timorenses, é preciso criar bibliotecas, infraestruturas e, sobretudo, manter alguma rádio, televisão e diários para que se faça entrar a língua espontaneamente na mente das pessoas". D. Ximenes Belo recordou depois ao auditório que os timorenses continuaram a batizar os filhos com nomes portugueses e a rezar e cantar em português, mesmo durante a proibição, entre 1975 e 1999, mas disse que a ocupação indonésia deixou marcas. "Vocês querem que os timorenses falem a vossa língua, mas os timorenses apanharam bofetadas, foram torturados por falarem a vossa língua", disse. A disputa também de outras línguas, nomeadamente o inglês, compreende-se, na opinião de D. Ximenes Belo, que recordou que Timor está numa zona com vizinhos como a Austrália, Filipinas, Singapura, Tailândia, Hong-Kong, onde as pessoas falam esta língua. "Mas Timor foi sempre parcela especial com ligação a Portugal e mantendo o português constituiu uma dimensão própria daquela pequena nação", considerou. Mesmo com o passado histórico de séculos de colonização portuguesa, D. Ximenes considera que o português não é tão fácil assim para

os timorenses. "Os timorenses acham mais fácil o indonésio porque não tem conjugações, não é tão complicado como o português, mas é preciso apostar" afirmou. D. Ximenes Belo disse, no entanto, que a sua preocupação é que haja paz, tranquilidade e reconciliação em Timor e que os jovens tenham trabalho. HFT. LUSA. Transcrito de in A propósito do 4º colóquio da lusofonia, Revista Agália 2005)

4.

Na abertura do 2º Colóquio da Lusofonia, em outubro de 2003 em Bragança, tentei alertar contra os fundamentalistas de várias cores que visam preservar uma visão estática da língua portuguesa que se opõem a quaisquer inovações da língua e às alterações que o novo dicionário da Academia de Ciências veio introduzir. Por outro lado, começam a existir movimentos ativos que podem levar a que o Português na sua variante Brasileira se emancipe. Creio ser apenas uma questão de tempo (dada a ausência duma política da Língua por parte de Portugal) para que o Brasileiro seja declarado língua e nessa altura o Português (europeu) estará condenado pois os 10 milhões de habitantes mais uns tantos milhares na Galiza (variante Galega) não serão suficientes para fazer frente a uma língua autónoma como a Brasileira com cerca de 200 milhões de falantes. Das ex-colónias portuguesas não se poderá contar com muito apoio dado o exíguo número de pessoas (para além das elites políticas dominantes) que domina a língua de Camões. Assim, a verificar-se (e creio ser só uma questão de tempo) a emancipação da variante brasileira a língua portuguesa europeia estará condenada a uma morte lenta associada a uma rápida diminuição e envelhecimento da população de Portugal que aponta para uns meros 7,5 milhões em 2050 contra os atuais 10,3 milhões. O que é preciso é que o povo se entenda, que os portugueses não se armem em detentores únicos da língua ou como temos ouvido como aqueles que falam o Português puro. Os tempos não estão para purezas nem para puritanismos, porque o português que se fala em Portugal varia da Bragança dos Colóquios aos Açores onde vivo atualmente. Todos falam Português e todos eles falam diferente de Norte a Sul, de Leste a Oeste. São lusofalantes todos aqueles que têm o Português como língua seja ela língua-mãe, língua de trabalho ou língua de estudo, vivam eles no Brasil, em Portugal nos PALOP, na Galiza, em Macau ou em qualquer outro lugar. Sejam eles nativos, naturais, nacionais ou não de qualquer um dos países lusófonos. A uniformização linguística, a redução a um mesmo denominador comum é castrante e limitadora. Ela inibe e retrai a natural expansão da língua e do conceito mais lato e abrangente da Lusofonia que professamos. O espaço dos Colóquios Anuais da Lusofonia é um espaço privilegiado de diálogo, de aprendizagem, de intercâmbio e partilha de ideias, opiniões, projetos por mais díspares ou antagónicos que possam aparentar. É esta a Lusofonia que defendo pois creio que é a única que permitirá que a Língua Portuguesa sobreviva nos próximos duzentos anos sem se fragmentar em pequenos e novos idiomas e variantes que, isoladamente pouco ou nenhum relevo terão. Se aceitarmos todas as variantes de Português sem as discriminarmos ou menosprezarmos, o Português poderá ser com o Inglês uma língua universal colorida por milhentos matizes da

Austrália aos Estados Unidos, às Bermudas e à Índia. O Inglês é íngua universal, mas continuou unido com todas as suas variantes. (in Mitos da Lusofonia, Jornal Primeiro de Janeiro fev 2006)

5.

Com a chegada em 2007 dos patronos Malaca Casteleiro (Academia de Ciências de Lisboa) e Evanildo Bechara (Academia Brasileira de Letras) chegou a altura de passarmos a uma fase mais atuante da nossa intervenção, como membros da sociedade civil numa área que o poder político descura e evita. Apraz-nos dentro da nossa independência e subsídio-independência, constatar o apoio de alguns politécnicos e universidades, que vem premiar o esforço abnegado e dedicado duma mão cheia de pessoas que acreditaram na vitalidade dum projeto sem paralelo no âmbito da Lusofonia. Esta noção de Lusofonia abrangente sem distinção de credos, raças, nacionalidades ou outros fatores de distinguo, tem-nos permitido congregar esforços e vontades, criando sinergias e desenvolvendo mecanismos em rede, sem paralelo. Falta apenas convencer os PALOP de que não somos nenhuma ameaça nem uma quinta coluna dum novo Império cultural, antes pelo contrário. Devemos aceitar a Lusofonia e todas as suas diversidades culturais sem exclusão que com a nossa podem coabitar. (in Diário de Trás-os-Montes novembro 2007)

6.

Ressalto do historial dos Colóquios da Lusofonia a sua ação na divulgação da açorianidade literária ou de como ainda é possível concretizar utopias num esforço coletivo. Um exemplo da sociedade civil num projeto de Lusofonia sem distinção de credos, nacionalidades ou identidades culturais. *Em 2001, os Colóquios brotaram do intuito de criar uma Cidadania da Língua, proposta radicalmente inovadora num país tradicionalista e avesso a mudanças.* Queríamos que todos se irmanassem na Língua que nos une. Pretendíamos catapultar a Língua para a ribalta, numa frente comum, na realidade multilingue e multicultural das comunidades que a usam. A nossa noção de LUSOFONIA abarca os que falam, escrevem e trabalham a língua, independentemente da cor, credo, religião ou nacionalidade. Em 2010 passamos a associação cultural e científica sem fins lucrativos e, em dezembro de 2015 passamos a ser uma entidade cultural de utilidade pública. Cremos que podemos fazer a diferença, congregados em torno de **uma ideia abstrata e utópica, a união pela mesma Língua.** Partindo dela podemos criar pontes entre povos e culturas no seio da grande nação lusofalante, independentemente da nacionalidade, naturalidade ou ponto de residência. Desconheço quando, como ou porquê se usou o termo lusofonia pela primeira vez, mas quando cheguei da Austrália (a Portugal) fui desafiado pelo meu saudoso mentor, José Augusto Seabra, a desenvolver o seu projeto de Lusofalantes na Europa e no Mundo e aí nasceram os Colóquios da Lusofonia. Desde então, temos definido a nossa versão de Lusofonia como foi

expresso ao longo destes últimos anos, em cada Colóquio. Esta visão é das mais abrangentes possíveis, e **visa incluir todos numa Lusofonia que não tem de ser Lusofilia nem Lusografia e muito menos a Lusofolia que, por vezes, parece emanar da CPLP e outras entidades.**

Ao aceitarem esta nossa visão muitas pontes se têm construído onde hoje só existem abismos, má vontade e falsos cognatos. Felizmente, temos encontrado pessoas capazes de operarem as mudanças. Só assim se explica que depois de José Augusto Seabra, hoje, os nossos patronos sejam Malaca Casteleiro (Academia das Ciências de Lisboa), Evanildo Bechara (Academia Brasileira de Letras) e a Academia Galega da Língua Portuguesa representada por Concha Rousia. Depois, acrescentamos como SÓCIOS HONORÁRIOS E PATRONOS DOM XIMENES BELO EM 2015 E EM 2016 JOSÉ RAMOS-HORTA (os lusofalantes do Prémio Nobel da Paz 1996), a que se juntaram (em 2016) Vera Duarte da Academia Cabo-Verdiana de Letras e José Carlos Gentili da Academia de Letras de Brasília. Aguardamos a adesão da Academia Angolana a este projeto. A Academia Angolana ainda não se junta a nós no 28º colóquio como estava previsto por motivos internos, mas promete fazê-lo em breve. O espaço dos Colóquios da Lusofonia é um espaço privilegiado de diálogo, de aprendizagem, de intercâmbio e partilha de ideias, opiniões, projetos por mais díspares ou antagónicos que possam aparentar. É esta a Lusofonia que defendemos como a única que permitirá que a Língua Portuguesa sobreviva nos próximos duzentos anos sem se fragmentar em pequenos e novos idiomas e variantes que, isoladamente pouco ou nenhum relevo terão.

J Chrys Chrystello preside à AICL-Colóquios da Lusofonia desde 2001

(in http://www.diariodetrasosmontes.com/cronica/cronica-175-o-que-e-lusofonia-nos-20-anos-da-cplp-julho-2017) / In https://blog.lusofonias.net/?p=60477